

A MULHER CAMPONESA NA OBRA “LEVANTADO DO CHÃO” DE JOSÉ SARAMAGO

Eduarda Carboni
Antonio Marcos Myskiw

RESUMO

A literatura engajada provocou e vem provocando mudanças significativas na conscientização e maior ascensão dos direitos humanos, utilizando do campo literário como meio para denunciar as injustiças sociais considerando, que em determinados momentos da história a população pobre não tinha acesso à educação e como consequência não tinha voz para gritar por justiça. A partir desta leitura comparativa apresentada no livro *Levantado do Chão* (1980) por José Saramago e o estudo das experiências de luta política dos agricultores brasileiros, foi possível verificar como a mulher camponesa tem sido retratada na literatura, além de ponderar sobre questões sociais relativas à vida e luta camponesa, principalmente no que tange à participação da mulher por melhores condições de vida, em busca da emancipação, libertar-se da opressão, conquistar novos benefícios e construir uma sociedade de justiça, igualdade e fraternidade, em que mulheres e homens possam viver com dignidade. Portanto, é possível concluir a necessidade de continuar difundindo as diferentes perspectivas e pontos de vista destes acontecimentos, e expor estes relatos, transformando as vítimas do latifúndio em protagonistas da própria história.

Palavras-Chave: Levantado do Chão. Mulheres Camponesas. Luta pela terra.

RESUMEN

La literatura comprometida ha provocado y está provocando cambios significativos en la conciencia y mayor auge de los derechos humanos, utilizando el campo literario como medio para denunciar las injusticias sociales, considerando que en ciertos momentos de la historia la población pobre no tuvo acceso a la educación y en consecuencia no tuvo voz para clamar por justicia. A partir de esta lectura comparativa presentada en el libro *“Levantado do Chão”* (1980) de José Saramago y el estudio de las experiencias de lucha política de los campesinos brasileños, se pudo verificar como la mujer camponesa ha sido retratada en la literatura, además de reflexionar sobre cuestiones sociales relacionadas con la vida y la lucha camponesa, especialmente en lo que se refiere a la participación de la mujer por mejores condiciones de vida, en busca de la emancipación, liberándose de la opresión, conquistando nuevos beneficios y construyendo una sociedad de justicia, igualdad y fraternidad, en el que las mujeres y los hombres puedan vivir con dignidad. Por lo tanto, es posible concluir la necesidad de seguir difundiendo las diferentes perspectivas y puntos de vista de estos eventos, y exponer estos informes, transformando a las víctimas del latifundio en protagonistas de su propia historia.

Palabras-Clave: Levantado do Chão. Mujeres Campesinas. Lucha por la tierra.

INTRODUÇÃO

Joceli Borges tinha 5 anos em abril de 1996. Vivia, com o pai e a mãe, em um barraco de lona preta às margens da rodovia que liga o município de Chopinzinho/PR ao município de Laranjeiras do Sul/PR, a pouca distância de Rio Bonito do Iguaçu/PR, no Sudoeste do Paraná. Como aquele barraco de lona preta e nas mesmas condições de miserabilidade, havia centenas de outros barracos espalhados em ambos os lados da rodovia PR-158. Todos integravam o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e preparavam-se para ocupar as terras da fazenda Pinhal Ralo, do grupo Giacomet-Marodin, considerada improdutiva (área de reflorestamento).

Joceli foi fotografada por Sebastião Salgado e a sua imagem estampou a capa do livro "*Terra*" (de Sebastião Salgado), lançado em abril de 1997, pela editora Companhia das Letras. Além de uma centena de fotografias, o livro contava com um texto de José Saramago, no formato de prefácio, e um CD com músicas de Chico Buarque (uma delas em parceria com Milton Nascimento).

O livro fotográfico teve lançamento simultâneo em vários países, dentre eles, Brasil, França, Inglaterra e Portugal. O livro Terra apresenta imagens feitas entre os anos de 1980 e 1996 ao longo do território brasileiro, denunciando questões referentes à distribuição de terras, ao trabalho agrário e problemas decorrentes do êxodo rural. Os direitos das fotografias e do disco foram repassados ao Movimento dos Sem-Terra que puderam produzir *posters* das fotos, o próprio disco e o livro e vendê-los para escolas, universidades, bibliotecas e demais interessados para arrecadar fundos.

No dia 17 de fevereiro de 1997, teve início a Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça, a fim de protestar sobre o aniversário do massacre de Eldorado de Carajás e comemorar o Dia Internacional de Luta Camponesa. Os integrantes partiram de vários pontos do país: estados do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia, Goiás e Mato Grosso, unindo mais de cem mil pessoas em um ato público, ao alcançarem seu destino Brasília, no dia 17 de abril, no mesmo momento do lançamento do livro da Terra. (MORISSAWA, 2001, p.158)

FIGURA 1: Lançamento do livro "Terra", de Sebastião Salgado.



Fonte: Scanner do livro A História de Luta Pela Terra e o MST.

Na figura acima o registro do encontro do fotógrafo Sebastião Salgado, o escritor José Saramago, o senador Eduardo Suplicy, o cantor Chico Buarque e os escritores João Pedro Stédile e Gilmar Mauro. Um marco importante sobre a iniciativa e mobilização dos camponeses, escritores e poder público em prol de uma organização na luta pelo direito de acesso à terra. Era, naquele momento, evidente o engajamento de Saramago frente ao direito de acesso e aquisição de terra aos agricultores familiares.

FIGURA 2: Capa do livro "Terra", de Sebastião Salgado.

T E R R A



SEBASTIÃO SALGADO



Fonte: Scanner da Capa do Livro Terra.

Em agosto de 2012, Joceli Borges concedeu entrevista ao jornalista Paulo César Farias (Freelancer, do Jornal Folha de São Paulo) e, aos 21 anos de idade, mantinha-se "uma trabalhadora rural sem terra." Casada e vivendo com o marido (Adair dos Santos) e uma filha (Joslaine) no acampamento do MST denominado Fazenda Rio Grande, em Quedas do Iguaçu/PR (Sudoeste do Paraná), ela comenta com o jornalista que naquele mês de abril de 1996, viu os pais obterem a posse de um terreno, "que foi o fim de um drama após meses debaixo de barracos de lona, em um acampamento com alimentação escassa e sem água, saneamento e assistência médica." (FARIAS, 2012) Quando da realização da entrevista com o jornalista, Alípio Borges (pai de Joceli) estava vivo, mas ela relatou ter presenciado o assassinato de sua mãe por jagunços, em 2009, num acampamento do MST e que se escondeu em um milharal para não ser morta.

Sobre o encontro com Sebastião Salgado, diz ela não ter lembranças:

Não vi ele me fotografando. Parece que estou olhando para a foto, mas não lembro de ver alguém me fotografando. Nem minha família lembra o local exato onde foi. Fiquei sentida por sair toda desarrumada. Mas fico feliz pelo meu pai e minha mãe terem conquistado a sua terra.

Alípio Borges comenta que também não conhecia o fotógrafo que "retratou minha filha", que sente muito por ela ter saído "toda desarrumada" na fotografia.

Joceli Borges, aponta que eles foram procurados pelo Instituto Sebastião Salgado e teriam oferecido uma oportunidade de estudos em São Paulo. Joceli diz ter recusado "para não ficar longe da família" e manter firme o desejo de "conquistar o meu pedaço de terra; que estudar não é mais importante para mim." O acampamento em que vivia, em 2012, situava-se a 15 Km de Quedas do Iguaçu/PR, e, no dia a dia, cultivavam o que denominavam de "miudezas": mandioca, batata-doce, milho, feijão, melancia e verduras" para vender na cidade. A matéria jornalística também ganhou formato em vídeo, exibido pela TV Folha, em agosto de 2012.

FIGURA 03: Joceli Borges em 1996 e em 2012.



Fonte: Paulo Cesar Farias. "A menina sem-terra fotografada por Sebastião Salgado em 1996", 24 de agosto de 2012.

<https://jornalggn.com.br/politicas-sociais/a-menina-sem-terra-fotografada-por-sebastiao-salgado-em-1996/>

Trajetórias como a de Joceli Borges, mesmo que sob o olhar da fotografia e do jornalismo investigativo, nos ajudam a refletir sobre as mulheres camponesas, suas representações, pensamentos, atitudes e decisões. O nosso foco neste estudo é perceber como a Literatura concebe e representa a mulher camponesa, integrante de movimentos sociais rurais ou não. É necessário, no entanto, realizar recortes e escolhas, pois a Literatura, como campo de conhecimento e atuação, é ampla.

Saramago e a literatura engajada

José Saramago foi convidado por Sebastião Salgado para escrever o prefácio do livro "Terra". Não era, o literato, um escritor qualquer. Em 1997 Saramago era mundialmente conhecido por suas obras e seu engajamento social, pois seus livros "se orientavam segundo um projeto peculiar de misturar narrativa e argumento, hibridizando-os na forma do romance-ensaio, quase sempre a questionar tabus e a deslocar a visão tradicionalista das coisas", sinaliza Jean Pierre Chauvin, que continua: "na constante síntese entre a dor e o riso, entre o depoimento e a resistência, os signos da violência fundavam boa parte do que escreveu". (CHAUVIN, 2016, p. 126).

A literatura, na escrita de José Saramago, deixou de ser um lugar de entretenimento para tornar-se um veículo de reflexão e crítica social. Para Chauvin, é uma imaginação que causa entretenimento ao leitor por meio da narração e, em simultâneo, emancipa, pois:

Ela envolve a tomada de atitudes, durante e após o ato de ler. Envolve questionamentos que permanecem, e não um passatempo que cala ou dilui na esfera do lazer. O ato de ler converte-se em um misto de diversão e exercício de outra qualidade e alcance. (CHAUVIN, 2016, p. 128).

Dentre os livros que explicitam essa forma de produzir uma literatura aguerrida, engajada, até a publicação do prefácio do livro "Terra" de Sebastião Salgado, destacamos: "Levantados do Chão" (1980), "Memorial do Convento"

(1982), "O Evangelho Segundo Jesus Cristo" (1991) e "Ensaio sobre a Cegueira" (1995).

No prefácio ao livro "Terra", Saramago principia o texto falando de Deus e os primeiros habitantes do planeta Terra, para em seguida dar destaque a dois grandes massacres em áreas rurais ocorridos no Brasil: O de Corumbiara (RO), em que 10 camponeses foram mortos, além de dois policiais, em agosto de 1995; e em Eldorado dos Carajás (PA), com 19 camponeses mortos e dezenas de pessoas feridas, em abril de 1996. Caminhando para o final de seu texto, o literato português faz uma leitura crítica do contexto rural vivido no Brasil, que reproduzimos a seguir:

A superfície do Brasil, incluindo lagos, rios e montanhas, é de 850 milhões de hectares. Mais ou menos metade desta superfície, uns 400 milhões de hectares, é geralmente considerada apropriada ao uso e ao desenvolvimento agrícolas. Ora, actualmente, apenas 60 milhões desses hectares estão a ser utilizados na cultura regular de grãos. O restante, salvo as áreas que têm vindo a ser ocupadas por explorações de pecuária extensiva (que, ao contrário do que um primeiro e apressado exame possa levar a pensar, significam, na realidade, um aproveitamento insuficiente da terra), encontra-se em estado de improdutividade, de abandono. sem fruto. Povoando dramaticamente esta paisagem e esta realidade social e económica, vagando entre o sonho e o desespero, existem 4 800 000 famílias de rurais sem terras. A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente (quantas pessoas ao todo? 15 milhões? mais ainda?) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro haviam dito: "Esta terra é minha", e encontraram semelhantes seus bastante ingénuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, esses rodearam a terra de leis que os protegem, de polícias que os guardam, de governos que os representam e defendem, de pistoleiros pagos para matar. Os 19 mortos de Eldorado dos Carajás e os 10 de Corumbiara foram apenas a última gota de sangue do longo calvário que tem sido a perseguição sofrida pelos trabalhadores do campo, uma perseguição contínua, sistemática, desapiedada, que, só entre 1964 e 1995, causou 1 635 vítimas mortais, cobrindo de luto a miséria dos camponeses de todos os estados do Brasil, com mais evidência para Bahia, Maranhão. Mato Grosso, Pará e Pernambuco, que contam, só eles, mais de mil assassinados. (SARAMAGO, 1997, p. XX).

A citação é longa, mas necessária. Saramago, em poucos parágrafos, explicita os assassinatos de camponeses, antes e após a criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que em meados da década de 1990 realizaram dezenas ocupações de áreas de terras consideradas improdutivas em

diferentes regiões do Brasil. Saramago posicionou-se favorável à Reforma Agrária, visto que, em 1997, haviam 4.800.000 famílias de rurais sem terras:

Em que ponto se encontra hoje essa maravilha humanitária [a Reforma Agrária] que haveria de assombrar o mundo, essa obra de taumaturgos tantas vezes prometida, essa bandeira de eleições, essa negação de votos, esse engano de desesperados? Sem ir mais longe que as quatro últimas presidências da República, será suficiente lembrar que o presidente José Sarney prometeu assentar 1.400.000 famílias de trabalhadores rurais e que, decorridos os cinco anos do seu mandato, nem sequer 140.000 tinham sido instaladas; será suficiente recordar que o presidente Fernando Collor de Mello fez a promessa de assentar 500.000 famílias, e nem uma só o foi; será suficiente lembrar que o presidente Itamar Franco garantiu que faria assentar 100.000 famílias, e só ficou por 20.000; será suficiente dizer, enfim, que o actual presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, estabeleceu que a Reforma Agrária irá contemplar 280.000 famílias em quatro anos, o que significará, se tão modesto objectivo for cumprido e o mesmo programa se repetir no futuro, que irão ser necessários, segundo uma operação aritmética elementar, setenta anos para assentar os quase 5.000.000 de famílias de trabalhadores rurais que precisam de terra e não a têm, terra que para eles é condição de vida, vida que já não poderá esperar mais. Entretanto, a polícia absolve-se a si mesma e condena aqueles a quem assassinou. (SARAMAGO, 1997, p. XX).

Saramago, com este prefácio, produzia mais uma denúncia sobre as promessas e os descasos dos governos brasileiros após o final do período ditatorial para com o acesso à terra pela população camponesa expulsa da área rural pela modernização agrícola, ocorrida a partir da década de 1970. Milhares de famílias viviam em periferias de cidades, de grande ou pequeno porte, esporadicamente contratadas para trabalho como "boia-fria" para capinar áreas de terras em que a maquinaria agrícola não tinha acesso. Com o fortalecimento do MST, muitas famílias migraram para as margens de rodovias e passaram a integrar o Movimento, vivendo por longo tempo em barracos de lona, em condições degradantes, mas com o sonho de, um dia, conseguir uma área de terra.

No livro "Terra", o engajamento de Saramago alcançou outros públicos, muitos deles camponeses. Engajamento que se tornava mais potente após os leitores e leitoras dedicarem-se a olhar e refletir cada uma das fotografias de Sebastião Salgado. Cabe, aqui, destacar as ponderações de Pedro Fernandes de Oliveira Neto, sobre esse engajamento de Saramago aos acontecimentos do tempo presente:

O engajamento saramaguiano reside, primeiro, na sua atitude enquanto homem de ideias, pela posição ativa frente às mais diferentes questões

socio-históricas, e segundo, no seu ato de escrita, e a atitude de trazer à discussão pela narrativa o que diz respeito a este seu tempo. Não que uma obra literária seja destituída de quaisquer relações com o meio em que é construída, mas a obra saramaguiana se insere entre as criações que vêm cobrar do leitor novos estatutos acerca da ordem das coisas e consequentemente uma posição ativa e multissignificativa acerca de seu lugar histórico-social. (OLIVEIRA NETO, 2020, p. 25).

O engajamento de Saramago remete, em parte, ao seu posicionamento político e ao contexto de Portugal nas décadas de 1960 e 1970. O literato aderiu à ideologia do Partido Comunista Português (PCP) em fins da década de 1960 e, até meados da década seguinte, experienciou longo período de autoritarismo e militarismo. Como bem aponta Saulo Gomes Thimoteo em sua tese de doutorado, José Saramago dedicou-se a produzir crônicas e peças teatrais e, por meio delas, quando possível, tecia críticas e sugeria a atuação de movimentos populares. Após a Revolução dos Cravos (abril de 1974), Saramago assumiu a direção do Jornal Diário de Notícias procurando construir caminhos para um governo socialista em Portugal. (THIMOTEO, 2014, p. 70 a 78).

Alguns meses depois, com Portugal sob novos tempos, José Saramago retorna à escrita literária. Mergulha no passado português dos anos 1870 para produzir *Levantado do Chão*, reescrevendo, ressignificando e compreendendo os ideais, os modos de vida e identidade da população camponesa Alentejana daquele tempo, com ênfase nos embates entre o latifúndio e os trabalhadores rurais ao narrar a história de quatro gerações da família Mau-Tempo, perfazendo um século da história de Portugal, recuperando por meio da ficção um tempo histórico que se encerrará nos eventos que levam aos acontecimentos de 25 de abril de 1974. É uma espécie de releitura da história de Portugal não pela narrativa da elite, ou mesmo da intelectualidade urbana, mas pela ótica de uma família camponesa (e seus descendentes) valorizando os percalços vividos por eles e por uma parcela da população portuguesa no decorrer de cem anos de História. Mas, antes de adentrar no estudo da obra *Levantado do Chão*, olhando e refletindo especialmente para a figura feminina.

Literatura engajada: alguns apontamentos

Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre (2002), escrita por Benoit Denis, é uma obra de referência por tratar de uma diversidade de "ferramentas" literárias que, em determinados contextos históricos, serviram de "motor" de ideias, protestos, revoltas e revoluções. Denis aponta que a literatura engajada é fruto do século XX e, erroneamente, associada a Jean-Paul Sartre no pós Segunda Guerra Mundial (1939/1945). Há obras e autores que podem ser consideradas literaturas engajadas que remetem ao tempo da Primeira Guerra (1914/1918) e Revolução Russa, de 1917 (DENIS, 2002, p. 19 a 23). Garantidamente, é após o término da Segunda Guerra Mundial que a literatura engajada toma fôlego, não se pensando como "um fim em si, mas como suscetível de tornar-se um meio ao serviço de uma causa que ultrapassa largamente a literatura, possibilidade que o artista modernista ou vanguardista recusará sempre." (DENIS, 2002, p. 24-25).

Sobre os escritores engajados, define-os como aqueles que assumiram, explicitamente, uma série de compromissos com relação à coletividade, renunciando a uma posição de simples expectador. Os autores pensam e escrevem literatura atravessada por um "projeto de natureza ética, que comporta uma certa visão do homem e do mundo, e eles concebem, a partir disso, a literatura como uma iniciativa que se anuncia e se define pelos fins que perseguem o mundo." (DENIS, 2002, p. 32, 35). Os escritores engajados são mediadores, por excelência, obrigando o leitor a pensar com eles, a partir deles e, em alguns casos, em função deles.

Jean Pierre Chauvin sinaliza que na escrita saramaguiana,

a contestação é um dos motores do enredo saramaguiano e costuma vir representada em associação com o arbítrio das leis ou a alternância de pontos de vista, vide a contraposição de argumentos em extensos diálogos – algo sistemático na obra do escritor português. A obra de Saramago problematiza os limites cerimoniais e gélidos da concepção reinol, patriarcal e totalitária, concentrada nas mãos de uma elite absolutamente ciosa dos protocolos hierárquicos. (CHAUVIN, 2016, p. 130).

A literatura engajada liga-se à imagem do escritor, nalguns casos, colocando a sua pessoa na linha de frente da obra literária, podendo ser aclamado ou julgado a partir de seus escritos, ou como bem aponta Benoit Denis: "Engajar-se consiste, portanto, para o escritor, em aceitar sofrer um dia desse tipo de processo [...] do julgamento que a coletividade poderá fazer sobre a qualidade do seu engajamento". (DENIS, 2002, p. 46). José Saramago sentiu isso na "carne" quando teve a obra

Evangelho segundo Jesus Cristo proibida de ser publicada em Portugal, no início da década de 1990.

Benoit Denis faz uma advertência para não tratar a literatura engajada como literatura militante, pois "a primeira [a literatura engajada] vem à política porque é neste terreno que se concretiza, enquanto a segunda [a literatura militante] é desde o início política" (DENIS, 2002, p. 36). Mas, para Denis, ambas estão condenadas a uma obsolescência rápida: "a atualidade, o tempo que passa e o mundo que muda limitam de alguma forma a esperança de vida dessa literatura, que escolheu ligar-se estreitamente à temporalidade do mundo dos homens" (DENIS, 2002, p. 41). O sucesso da literatura engajada também pode ser medida pela longa duração da procura, das leituras e referências, mas é comumente avaliada pela "eficácia imediata dos textos, pela capacidade de tocar um público importante, de suscitar o debate, provocarem reações" (DENIS, 2002, p. 79-80).

Mas, se a literatura engajada tem "vida curta", porque os escritos de Saramago seguem sendo lidos, relidos, estudados? Chauvin, sinaliza que Saramago propôs em seus romances uma "nova concepção do leitor, aquela em que a representação da alteridade é condição para que a literatura sobreviva, acumulando múltiplos papéis", ao encantar o público, ao reposicionar o leitor, "revelando-lhes pensamentos que transitam entre o artifício da palavra e seu poder de intervenção e mudança" (CHAUVIN, 2016, p. 133).

A mulher camponesa em *Levantado do Chão*

Em *Levantado do Chão*, Saramago retrata várias fases e faces da luta pela terra, desde os tempos de silêncio dos trabalhadores que eram oprimidos e perseguidos pela violência até a tomada de consciência e o alvorecer da revolução. Saramago descreve como os camponeses levantam-se do chão e buscam se valer de seus direitos, livrando-se das amarras do latifúndio. A palavra "Levantado", que compõe o título da obra, tem o sentido de não apenas levantar-se, ficar em pé, mas de levantar-se, de buscar meios de organização, mobilização, resistência e enfrentamento visando o acesso à terra.

Após ler *Levantado do Chão*, o leitor atento aos movimentos sociais rurais em diferentes regiões do planeta consegue relacionar e refletir os acontecimentos com

outros contextos históricos e espaços geográficos, como a trajetória do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. Também permite que percebamos as vivências e traumas dos participantes do MST, realidade de homens, mulheres e crianças, muitas vezes marginalizados, que ingressaram no MST e buscaram refúgio nos acampamentos, movidos pela esperança de democratização do acesso à terra para que um dia pusessem em prática os preceitos da agricultura familiar.

Cabe notar que Saramago faz referência, no livro *Levantado do Chão*, à realidade enfrentada pelos lavradores que vivem em Portugal. No entanto, a discussão na totalidade cabe perfeitamente para a reflexão da luta dos camponeses brasileiros, os relatos feitos por Saramago, condizem com a luta pela terra no Brasil, por diversas razões: nos dois cenários o papel social da mulher na luta pela terra tem grande valia e também está se discutindo as conjunturas e adversidades enfrentadas nesse processo, como preconceitos e estereótipos utilizados pelo poder do latifúndio que recorre à mídia para propagar a intolerância a toda sociedade; represálias; a Igreja atrelada ao latifúndio, a repressão de uma polícia tendenciosa. Mulheres e homens vistos como marginais, presos e perseguidos, vivendo em condições de fugitivos, tudo isto em busca de justiça social. As mulheres necessitam ser mais fortes e resistentes, pois além de combater as tribulações políticas e sociais angustiantes, enfrentam preconceitos e o machismo dentro deste contexto para que, enfim, sejam vistas e possam falar sobre a falta de oportunidade no mercado de trabalho, as tarefas domésticas que ficam apenas restritas a elas, cuidados com os filhos e violência doméstica, tanto física como mental.

Para Cândido (2006), a literatura também pode ser utilizada como instrumento para operacionalizar denúncias de diferentes naturezas, de evidenciar cenários de injustiça, possibilitando a reflexão e interpretação da violência cotidiana por parte dos movimentos sociais. A meta inicial deste estudo era reunir um grupo de mulheres camponesas de um Assentamento do MST de Francisco Beltrão e, a partir da leitura do livro *Levantado do Chão*, realizar rodas de conversas com elas sobre situações cotidianas experimentadas no acampamento, produzindo uma colcha de retalhos sobre o olhar da mulher camponesa, leitora de Saramago, do lugar que escolheram viver. No entanto, a pandemia de Covid-19 nos impediu de aplicar o planejado inicialmente. Desta forma, limitamo-nos a olhar e refletir sobre a condição feminina no referido livro.

Saramago nos presenteia com a possibilidade de vivenciar momentos da vida dos personagens de maneira que imaginamos ser também nossos; as suas lutas, sonhos, conflitos, amores, sacrifícios, mortes e desastres. Descreve com nitidez as dificuldades dos camponeses de Portugal e o caminho percorrido para estabelecer consciência de classe e lutar por seus direitos, para finalmente enfrentar as forças opressoras. *Levantado do Chão* traz testemunhos de personagens próximos da realidade, inspirados pelas pessoas que vivem em Lavre, uma vila Alentejana em Portugal. Segundo Silva (2017), para valer-se disso, Saramago hospedou-se durante algum tempo neste local, tomou nota das conversas com pessoas analfabetas que só poderiam relatar os acontecimentos por meio de palavras ouvidas.

Ao longo dos anos, sobretudo a partir da década de 1990, no caso brasileiro, se construiu uma concepção preconceituosa sobre os Movimentos Sociais urbanos e rurais; discursos negativos veiculados na mídia televisiva, no jornal impresso e, mais recentemente, nas redes sociais, contribuindo para amplificar as visões estereotipadas. Como bem retrata Turatti (2005, p.41) a partir das entrevistas concedidas pelos participantes do MST em que desenvolveu sua pesquisa. Nas raras ocasiões que saem do acampamento e deslocam-se para a cidade, sofrem episódios de preconceito e reclamam sempre do mau atendimento. Durante algum tempo, inclusive, o prefeito de Iaras, cidade localizada no estado de São Paulo, em que ocorreu a pesquisa de Turatti, proibiu o acesso dos sem-terra ao posto de saúde local. É necessário dialogar mais sobre a condição feminina nos acampamentos e assentamentos, para elas poderem vislumbrar que ocupam um lugar de importância na sociedade e existem pessoas que reconhecem sua força e garra.

Não se trata apenas de abordar as dificuldades e julgamentos que estas trabalhadoras vivenciam, mas de observar a mulher como participante de um movimento social retratada por Saramago, mesmo que pelo viés da ficção, no contexto de Portugal do início do século XX, ou no livro de Turatti (2005), em que a autora traz a perspectiva da realidade brasileira, em meados da primeira década do século XXI. O cruzamento destes livros nos permite refletir acerca da luta pelo direito dos pequenos camponeses de viverem de maneira digna da/na terra e verificar, mais precisamente, a participação da mulher nesse processo. Ademais este assunto é de grande valia e não envolve apenas os camponeses, mas toda a

população, considerando o envolvimento das políticas públicas e a economia do Brasil.

No cenário brasileiro, como aponta Morissawa (2001) o país cresceu a partir da exploração do trabalho escravo e com isso o latifúndio acabou ganhando vantagens, muitos foram os imigrantes que vieram para cá, fugindo da crise que estava em ascensão na Europa e em busca de oportunidades, sonhando com um pedaço de chão, em maior número eram os camponeses sem terra e neste contexto os que também haviam perdido o emprego para as máquinas na agricultura.

Outrora as mulheres já eram desvalorizadas ao vender sua mão de obra em relação à remuneração obtida pelos homens. Como retrata Saramago em seu livro *Levantado do Chão* (1989, p. 33) “Ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos da metade, como de costume.”. Por conseguinte, a fim de maiores lucros, os patrões passam a empregar apenas mulheres e crianças, posto que era uma mão de obra mais barata em relação às outras.

Sem dúvida, tem-se como resultado desemprego em grande escala para os homens e péssimas condições de vida das famílias, que contavam apenas com a mãe trabalhando num contexto de desvalorização da mão de obra feminina, um menor rendimento. Federici (2017) argumenta em relação a esta imagem construída que estereotipa a mulher como fraca de corpo e mente e biologicamente inclinada ao mal, onde utilizando de fatores biológicos e religiosos, envolvendo também o papel da mulher como parte constituinte da família, para subestimar a capacidade feminina de luta, classificando-as como inferiores e assim, justificar o controle masculino sobre as mulheres, para poderem explorá-las facilmente e ainda construir um sistema patriarcal.

Moura (1932, p.32) desconstrói esta visão padronizada da mulher, afirmando que “[...] a inteligência não tem sexo, muito menos tem sexo a coragem para enfrentar os capatazes do rebanho social e negar-se a pactuar com a brutalidade da civilização das máquinas humanas [...]”. Contudo, ressalta-se que a mulher, tem direito a uma vida livre, autônoma e o seu gênero não deve ser utilizado como alegação para questionar a sua capacidade, seja ela no âmbito profissional, pessoal ou de luta por um mundo mais justo para todos.

Em *Levantado do Chão*, explicita-se o cenário da história de luta pela terra com protagonistas mulheres, que tomam consciência das condições de trabalho escravo e juntas questionam o sistema de opressão do latifúndio que estavam

vivenciando. Mulheres que, levantadas do chão, unem suas forças em busca de direitos trabalhistas. O livro acompanha três gerações da família Mau-tempo, a primeira composta por Domingos Mau-tempo e Sara da Conceição, cujo cenário é de forte exploração e as consequências dela; uma vida marcada pelo silêncio e conformismo, em que as mulheres eram tratadas como objeto, não podendo expor sua opinião. Nas primeiras páginas do livro já fica explícita a submissão a que estas mulheres eram submetidas. Domingos e Sara chegavam de carroça em São Cristóvão, com uma mudança, sob chuva e seu filho recém-nascido no colo. Domingos decidiu parar em uma taberna para pedir informações e Sara foi impedida de entrar na taberna, porque mulheres não eram permitidas naquele local. Não suportando mais permanecer no frio, com seu filho, ao chamar o marido, foi reprimida pelo próprio marido: “Domingos Mau-Tempo não gostou de ser chamado pela mulher à frente de homens, o que é que vão pensar” (SARAMAGO, 1989, p.21).

Extremamente oprimida pelo machismo da época, Sara viu-se obrigada a casar com Domingos pois ficou grávida. O filho nasceu com olhos diferentes do pai e isto foi motivo para gerar comentários duvidando da paternidade. Domingos, enfrentando, mesmo com dificuldades por falta de trabalho e péssimas condições de vida, encontrou um falso alento na bebida.

Este sapateiro é remendão. Deita tombas, cardeia, remancha a obra quando lhe falta o apetite do trabalho, larga formas, sovela e faca de ofício para ir à taberna, questiona com os fregueses impacientes, e por isto tudo bate na mulher. (SARAMAGO, 1989, p.27).

Sara, por mais de uma vez, saiu em busca de seu marido, de taberna em taberna, e ainda assim, apanhava. Ademais, a vida destas proletárias também era marcada pela fome e diversas situações angustiantes em relação à criação de seus filhos, de maneira que sofriam com a privação de recursos como: educação, moradia e saúde, como se evidencia em um trecho do livro *Levantado do Chão* (1989) quando tomam conhecimento sobre a espera de mais um descendente, e assim surge o desespero de não conseguir saciar as competências necessárias, entretanto chegam a conclusão que, “[...] Não faz mal, onde não comem sete, não comem oito.” (SARAMAGO, 1989, p.32).

Considerando o contexto de escassez de recursos que estavam inseridos, surgiu a necessidade das mulheres adentrarem ao mercado de trabalho. A divisão sexual do trabalho entrou em cena, marcando um limite a partir do sexo, estabelecendo que os homens devem cumprir com um ofício considerado produtivo e as mulheres destinadas a um dever reprodutivo. Em razão disto construiu-se a hierarquização de que um vale mais que o outro, somando-se a atribuição de trabalho pesado aos homens e leve às mulheres. Todo trabalho construído por mulheres é dito leve, por isso, desvalorizado sob o olhar capitalista. (Mezadri *et al.* 2020, p.124).

Mezadri *et al.* (2020, p.128) nos instrui que além do trabalho reprodutivo e de cuidar da família (limpeza da casa, fazer comida, entre outras tantas funções), as camponesas ainda são vistas como alguém que desenvolve tarefas leves, entretanto não refletem sobre como é árduo cuidar da casa, da família, dos afazeres domésticos, e também a lida na agricultura. A autora supracitada ainda questiona, afinal, que trabalho seria válido então? E apresenta argumentos que respondem a esse questionamento: “a mulher é dita como improdutivo, embora trabalhe bem mais horas por dia do que os homens” (Mezadri *et al.* 2020, p.131).

Fica explícito que a desvalorização do trabalho doméstico, possibilita o controle sobre as mulheres. Federici (2019) em seu livro *O Ponto Zero da Revolução*, discorre a respeito de como foi construída a exploração da mão de obra feminina nas tarefas de casa, tornando-se não apenas uma obrigação, mas também atribuída naturalmente a este gênero. Esta concepção de necessidade ajudou a destinar a não gratificação, fortalecendo uma compreensão de que o trabalho doméstico não é trabalho, dado que não é assalariado. “Eles dizem que é amor, nós dizemos que é trabalho não remunerado.” (FEDERICI, 2019, p.40).

Aos olhos dos latifundiários, às mulheres cabe sujeitar-se a procriação, destinadas à matriz fecunda da mão de obra. O que só evidencia ainda mais o grande ciclo de violações em que as mulheres estão submetidas, máquinas de trabalho doméstico (cuidar da casa, limpar, cozinhar, lavar roupas, entre tantas outras tarefas) e nas indústrias/campo, onde recebem salário menor devido ao seu gênero, além de serem qualificadas como objetos sexuais e de reprodução. Além disso, uma vez realizada sua função, fazendo nascer estes indivíduos, os filhos destas camponesas são observados da seguinte maneira, pontua Saramago:

Estes homens e mulheres nasceram para trabalhar, são gado inteiro ou gado rachado, saem ou tiram-nos das barrigas das mães, põem-nos a crescer de qualquer maneira, tanto faz, preciso é que venham a ter força e destreza de mãos, mesmo que para um gesto só [...] (SARAMAGO, 1989, p.327).

Não importa a qualidade de vida dos trabalhadores, apenas que cresçam sabendo utilizar uma enxada, cabeça baixa, conformando-se com a realidade em que foram predestinados desde o momento em que foram concebidos. E, caso cresçam e se desenvolvam, apesar da falta de recursos para isto (alimentação/saúde/educação), não podem se rebelar para alterar estas condições, pois são considerados “vagabundos”, tendo em vista, que o que seria visto como uma necessidade, para os trabalhadores rurais, é classificado um privilégio, como apontado no livro por meio dos pensamentos de Lamberto, um dos chefes do latifúndio, referindo-se ao contexto de greves, na qual o proletariado pede redução da carga horária de trabalho, vê-se isso como um tempo maior para eles planejarem “malandrices “[...] afinal, que querem eles, se dormirem oito horas e trabalharem outras oito, que vão fazer às oito que sobram, o que tudo isto é eu bem sei, é um convite à malandrice” [...] (SARAMAGO, 1989, p.328).

Na visão do latifúndio, quem foi criado apenas como meio de trabalho e exploração, para fazer enriquecer seus patrões, descansar é considerado um abuso, um sinônimo de não cumprir com este objetivo, pois perdem tempo para o que é realmente considerado válido a estes senhores, já que “[...] a prosperidade dos ricos é baseada no seu trabalho, nos seus sofrimentos e na sua miséria” (LACERDA DE MOURA, 1932, p.128).

Quanto mais pobre a família, adverte Federici (2019), maior é o sistema de exploração em que a mulher estará inserida, tendo em vista que haverá mais dificuldades para o homem encontrar trabalho, mais a mulher deverá se esforçar para satisfazer o homem no conforto de sua casa. Esta situação é retratada em *Levantado do Chão* (1989), no momento em que Domingos chega em casa, cansado do trabalho e anestesiado com o álcool, bate na esposa e joga nela toda a raiva, resulta do seu emprego e situação econômica em que se encontravam. Ainda neste mesmo cenário, Federici (2019) ressalta que quanto mais o homem serve e recebe ordens, mais ele quer mandar em sua casa, como mecanismo para libertar-se das represálias que sofre no mercado de trabalho.

Já as mulheres de outras classes sociais, apresentadas por Saramago em *Levantado do Chão* (1989), desfrutavam de vivências distintas e, mesmo possuindo dinheiro para pagar uma empregada para realizar o serviço doméstico, elas continuavam sendo exploradas de outras maneiras.

Em casa de Noberto, as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam seu chá, faziam sua malha e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos. Sobre os canapés da sala demoravam-se as revistas de modas, ai Paris, aonde estava decidido que a família iria mal acabasse a estúpida guerra [...]. (SARAMAGO, 1989, p.54).

Outro elemento que merece destaque é a indiferença que as senhoras oriundas do latifúndio sentiam em relação às dificuldades que a maioria da população enfrentava. Isso nos faz refletir sobre a falta de união entre as mulheres e relações baseadas em empatia e companheirismo. Maria Lacerda de Moura (1932, p.74), discorre em relação ao fato de se fechar os olhos sob a miséria, mesmo diante desta enorme dor das injustiças sociais, um número significativo de mulheres desviam o olhar para poder divertir-se, gozar das suas regalias e do seu comodismo de “bibelot”.

A própria classe trabalhadora brigava entre si, não havia união entre a decisão de um bem comum. Enquanto uma parte do grupo pretendia lutar, a outra estava acomodada e acreditava que não haveria necessidade de uma rebelião, pois era o povo que não queria trabalhar, classificando os próprios colegas, como vagabundos, diz Saramago:

“Estão agora dois grupos de trabalhadores frente a frente, dez passos cortados os separam. [...] Dizem os do norte, na nossa terra não há trabalho, tudo é pedra e tojo, somos beirões, não nos chamem de ratinhos, que é ofensa. Dizem os do sul, São ratinhos, os do norte, temos fome. Dizem os do sul, também nós, mas não queremos sujeitar-nos a esta miséria, se aceitarem trabalhar por esse jornal, ficamos nós sem ganhar. Dizem os do norte, A culpa é vossa, não sejais soberbos, aceitai o que o patrão oferece, antes menos coisa que nenhuma, e haverá trabalho para todos, porque sois poucos e nós vimos ajudar. Dizem os do sul, É um engano, querem enganar-nos a todos, nós não temos que consentir neste salário, juntem-se a nós e o patrão terá de pagar melhor jorna a toda a gente. Dizem os do norte. Cada um sabe de si e Deus de todos, não queremos alianças, viemos de longe, não podemos ficar de guerra com o patrão, queremos trabalhar.” (SARAMAGO, 1989, p.37).

Em razão do cenário de pobreza e exploração, Domingos Mau-Tempo entrou em depressão e utilizava álcool como refúgio. Acabou afastando-se de Sara e da

criação dos filhos, desestruturando cada vez mais sua família. Quando se deu conta e percebeu que não conseguiria recuperar o tempo perdido, tirou a própria vida. Sara da Conceição tentou seguir a vida ao lado dos filhos e da família, sob muitos desafios. Sara, que viveu à sombra do marido, com o passar dos anos, entrou em profunda tristeza, enlouquecendo e falecendo. Esta primeira fase do livro representa um povo que se conformou com as condições de vida que possuía, explorados e mantendo-se em silêncio devido ao medo à repressão.

Com a morte do pai, João, o primogênito, ainda criança, viu-se na obrigação de cuidar da família. Desde cedo, começou a trabalhar no latifúndio, tendo em mente que não havia como seguir nenhum outro ofício a não ser este. Seguiu os mesmos passos que outras pessoas. Tendo de levantar de madrugada para a lida com a enxada, “João Mau-tempo não tem corpo para herói. É um pelém de dez anos retacos, um cavaco de gente [...]” (SARAMAGO, 1989, p.55). Para o latifúndio, no entanto, não importavam as condições dos trabalhadores e sim, a capacidade de segurar uma ferramenta agrícola.

A Grande Guerra na Europa trouxe consequências também a Monte-Lavre. Os preços de todos os produtos subiram e, como efeito, os trabalhadores tiveram que reduzir muitos gêneros na sua alimentação. Houve forte desemprego, atingindo primeiramente os mais jovens e, em seguida, as mulheres e, por fim, os homens. Todos preocupados em buscar trabalho para sair do estado de carência, iam de caravana à caça de qualquer salário, sem critérios e exigências que, de certa forma, favoreceu o sistema opressor do latifúndio e as amarras da exploração. (Saramago, 1989, p.57).

João Mau-tempo precocemente tornou-se responsável pela casa, focando sua vida em trabalhar e cuidar da família. João conheceu Faustina, com quem se uniu e constituiu uma família com três filhos: Antônio, Amélia e Gracinda. O trabalho na terra tornou-se cada vez mais fatigante e os homens decidiram-se unir em prol de soluções. Nesta segunda fase de *Levantado do Chão*, vê-se a alteração de pensamentos dos personagens, iniciando o apoderamento de consciência de classe e passam a se questionar sobre o sistema de exploração de mão de obra em que estão inseridos, percebendo que as mudanças em suas vidas eram decorrentes das ações deles mesmos.

Com o ideal de mudança da realidade, João conheceu o grevista Manuel Espada e uniu-se a ele na tomada de consciência de luta por melhores condições

de trabalho. Nesta empreitada, decidem chamar-se por codinomes, pensando que se fossem presos na rebelião, não haveria riscos para seus colegas, com medo da forte punição e perseguição dos donos dos latifúndios, que iam à caça destes trabalhadores e quaisquer indícios que incitavam a greve. Acabou acontecendo o que temiam: com a utilização da cavalaria e pedradas para amedrontar os camponeses, os dois são levados pelos capatazes, vivendo dias de tortura e crueldade para entregarem seus companheiros que não haviam sido pegos. Apesar disso, João Mau-Tempo se mostrou um homem forte, aguentando firme frente à fome, sede, martírio e flagelação que sofreu, resistindo até o fim. Faustina foi visitar o marido com as filhas Gracinda e Amélia.

Os latifundiários contavam com apoio da polícia para pressionar pelo abandono do combate pelos grevistas, que temendo represálias acabavam desistindo. Os detentores do poder contavam, ainda, com o forte apoio da Igreja e do padre Agamedes, que desfrutavam da influência que possuíam sob a sociedade, aconselhando e pregando um discurso de conformismo, persuadindo o proletariado a se manter nas circunstâncias abusivas de trabalho. Por décadas, a organização do latifúndio se deu desta forma. Quando não podiam mais recorrer ao poder público para persuadir a luta coletiva, os latifundiários utilizavam os vastos recursos próprios para contratar feitores e capatazes, estes sim, nunca sofreram com o desemprego, pois as técnicas de intimidação eram constantes.

Na terceira geração da família Mau-tempo, apresentada no livro por Saramago, os personagens vão à luta, decididos a mudar o cenário de opressão libertando os trabalhadores da repressão. Encontraram juntos o caminho para vencer a invisibilidade na política. Maria Adelaide é a personagem que marca este momento, empenhando-se na luta e na organização das mulheres para realizar encontros e tomar ações para diminuir o não reconhecimento da mulher. Como Saramago relata em *Levantado do Chão*, as mulheres não foram criadas para serem princesas. Foram em busca de seus direitos e da emancipação; libertar-se da opressão, conquistar novos benefícios e construir uma sociedade de justiça, igualdade e fraternidade, em que mulheres e homens possam viver com dignidade.

Maria Adelaide não tinha conhecimento das experiências da militância de seu pai, Manuel Espada, e da triste história de vida de seus avós que sofreram com a falta de políticas sociais que gerassem bem-estar aos trabalhadores rurais. Naquele tempo não havia espaço para compartilhar estas informações em casa, entre avós,

pais e filhos, porque tocar no assunto gerava memórias de dor ou simplesmente por querer proteger os filhos deste mundo de sofrimento. Maria Adelaide ao questionar onde estava o pai, sua mãe, Gracinda, dizia que foi resolver alguns compromissos e que não passaria a noite em casa. Como a filha não podia se intrometer nos assuntos do pai, terminava aí o assunto. Após completar 19 anos, Maria se deu conta de toda luta que o pai enfrentou “[...] é como se tivesse vivido sempre com os olhos fechados e agora, enfim, os tivesse abrido [...]” (SARAMAGO, 1989, p.353).

Maria Adelaide e Manuel Espada uniram-se na revolução. Com Joaquim Carço, Manuel Martelo e Emília Profeta, foram ao encontro de outros trabalhadores, levando a palavra de indignação contra o latifúndio, formando um grupo para ocupar as ruas em prol de melhores condições de trabalho, tudo isto de forma pacífica, pois como evidencia Manuel Espada “somos trabalhadores, não viemos roubar” (SARAMAGO, 1989, p.364).

Juntaram mais de quinhentos homens e mulheres, de repente seiscentos e quando se dão por conta mil pessoas caminhando em prol dos seus direitos, todos juntos no dia primeiro de maio. João Mau-Tempo morre antes de ver toda a população unida no ato de levantar-se do chão para libertarem-se das amarras da exploração vindas do latifúndio ao invadirem a fazenda em que os Mau-Tempo trabalharam por toda a vida. Saramago o retrata em espírito, representado por sua neta, que possuía os olhos azuis, igual o avô. Estavam ali também as vidas ceifadas pelo latifúndio, pessoas torturadas, que morreram de fome, vítimas da exploração e péssimas conjunturas de trabalho. Pessoas como Domingos Mau-Tempo que não suportou a dor e suicidou-se; mulheres como Sara da Conceição que por toda a situação de dependência e humilhação não resistiu; Joaquim Carranca que foi cruelmente torturado e morto por defender o que acreditava; e tantas outras mulheres e também homens por desejarem discutir, debater e transformar a realidade em que estavam inseridos. Por eles e para eles, permanecem resistindo, é apenas o começo. A luta continua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo sobre a condição da mulher camponesa e a luta pela terra, percebemos que *Levantado do Chão* registra e transfere aos leitores um

belo movimento de resistência sob a perspectiva do contexto histórico do Alentejo em Portugal. Os episódios narrados por José Saramago também podem ser utilizados para refletir a respeito da realidade enfrentada por muitos camponeses brasileiros, em especial aos participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Observamos que Saramago discute o despertar da consciência de classe e do movimento em defesa dos direitos políticos dos camponeses e camponesas, em três gerações da família Mau-Tempo. Debatendo por exemplo, sobre como as primeiras gerações encaram as adversidades e exploração do latifúndio de maneira mais passiva, considerando o contexto de subalternidade onde as mulheres estavam inseridas, a exemplo de Sara da Conceição, que era reprimida pelo mundo masculino, restringindo apenas aos homens o direito a expor sua opinião. Ainda discorrendo sobre aspectos decorrentes da exploração, como a falta de dinheiro para sanar as condições básicas de vida, alimentação e saúde, indo além e retratando como isto afeta os indivíduos que vivem nestas conjunturas, tornando-se dependentes de álcool e até mesmo, resultando em ações suicidas.

Na segunda geração da Família Mau-Tempo, iniciou-se a organização social das mulheres nesta luta, com apoio de Faustina que conquistou mais espaço na participação política e auxiliou o marido João Mau-tempo a iniciar o confronto contra o regime opressor. Mas, é na terceira geração, com a união do casal Manuel Espada e Gracinda, que uma mulher de identidade e opinião forte foi concebida. Maria Adelaide deu continuidade à herança das mulheres camponesas e lutadoras que resistiram antes, para que hoje pudessem nascer e crescer com a oportunidade de finalmente poder lutar por seus direitos e manifestar suas decisões políticas. Maria Adelaide, consciente deste processo histórico, tornou-se protagonista da própria história. Uma mulher que se levantou do chão, tornou-se revolucionária, visando instigar e organizar o movimento, mantendo firme a esperança, buscando ser ouvida e vista em prol de todas as operárias silenciadas ao longo dos anos.

Considerando o último capítulo do livro *Levantado do Chão* (1989) que encerra com os personagens participando em prol dos movimentos e passeatas, apenas reafirma o que observa-se no contexto brasileiro, a luta não termina com a conquista de pequenos direitos e alguns benefícios na jornada de trabalho. A luta persiste, seja em empatia aos que ainda não desfrutam destes benefícios, ou seja como garantia de que não sejam retirados.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHAUVIN, Jean Pierre. José Saramago, best seller e engajamento. **Revista USP**, São Paulo, n. 110, p. 126-134, jul/set 2016. Trimestral.

FARIAS, Paulo Cesar. "**A menina sem-terra fotografada por Sebastião Salgado em 1996**". 2012. A matéria foi republicada no Jornal GGN. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politicas-sociais/a-menina-sem-terra-fotografada-por-sebastiao-salgado-em-1996/>. Acesso em: 14 maio. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. 460 p.

FEDERICI, Silvia. **O Ponto Zero da Revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019. 388 p. Disponível em: http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

Menina eternizada em foto de Salgado ainda é sem-terra. 2012. (279 min.), Vídeo, son., P&B. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politicas-sociais/a-menina-sem-terra-fotografada-por-sebastiao-salgado-em-1996/>. Acesso em: 14 maio 2022.

MEZADRI, Adriana Maria *et al* (org.). **FEMINISMO CAMPONÊS POPULAR**: reflexões a partir de experiências no movimento de mulheres camponesas. São Paulo: Expressão Popular, 2020. 189 p.

MORISSAWA, Mitsue. **História de Luta pela Terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 255 p.

MOURA, Maria Lacerda de. **Amai e... não vos multipliquei**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932. 241 p.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de. Literatura e engajamento em José Saramago. Sinal, Santa Cruz do Sul, p. 24-34, 19 de julho 2019. jan/abr. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/14196/pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017. 310 p.

SARAMAGO, José. **Levantado do Chão**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A. 1989.

SANTOS, Donizeth Aparecido Dos. **O Engajamento Literário e o Romance no Século XX**. UNILETRAS, Ponta Grossa, v.39, n.1, p. 55-71, jan/jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>;

SARTRE, Jean Paul. **Que é literatura?** 3ª edição. São Paulo: Editora Afiliada, 2004;

SILVA, Marcelo Kunrath. **De volta aos movimentos sociais?** Reflexões a partir da literatura brasileira recente. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 2-9, jan/abr 2010.

SILVA, Inês Santos. **Levantadas do Chão**: o poder das mulheres na obra de José Saramago. 2017. 92 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2017. Cap. 1.

THIMÓTEO, Saulo Gomes. **“Está lá tudo”**: o constructo literário nas crônicas de José Saramago. 282 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2014.

TURATTI, Maria Cecília Manzoli. **Os Filhos da Lona Preta**: Identidade e cotidiano em acampamentos. São Paulo: Alameda, 2005. 118 p.

VIEIRA, Eleandro de Moraes. Movimento dos Agricultores Sem Terra do Sudoeste (MASTES): oportunidade, mediação e movimento social. In: ROCHA, Humberto José da; TEDESCO, João Carlos; MYSKIW, Antônio Marcos (org.). **História dos Movimentos Sociais de Luta pela Terra (1940-1980)**. Passo Fundo: Acervus, 2021. Cap. 2. p. 555-572.